

Reflexões para a Páscoa 2020

Conselheiros Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas



DA QUARESMA À PÁSCOA 2020

Ir. Sylvain Ramandimbiarisoa – Conselheiro Geral

O período da Quaresma é um tempo de preparação para a celebração da Ressurreição de Cristo. Geralmente ela se caracteriza pelo sacrifício como um meio de superar nossas fraquezas. Jejuar, pode ser simbólico, mas se trata de aceitar as privações mais ou menos difícil para viver melhor os valores cristãos.

Este ano de 2020, a Quaresma está fora do comum, devido à disseminação mundial do coronavírus. Somos forçados a ficar em casa para evitar o contágio e, portanto, salvar a vida. Existem diferentes maneiras de responder a essa situação: aceitar ou sofrer. Vivê-la como Quaresma ou sofrê-la como punição.



Sofrer, como se resignar, é ser passivo e há um sentimento de impotência. Podemos ver a situação atual como um castigo que devemos suportar e que não podemos fazer nada. Isso pode levar à morte. Por outro lado, aceitá-la nos daria um novo impulso. A aceitação conduz a uma transformação, a ver o futuro de forma diferente, a se abrir para novas perspectivas.

A Quaresma de 2020 nos revela que nós podemos relativizar o que fazemos e ver o que é essencial. Percebemos que é possível interromper nossas atividades diárias que julgávamos necessárias e essenciais. Assim, podemos nos abrir para novas formas de viver! Concentrar-se no essencial e relativizar todo o resto. Somente Deus é o absoluto, o essencial, o único inevitável, porque ele é a origem de tudo, e tudo termina nEle, Ele é o Alfa e o Ômega.

A situação atual nos priva da segurança. Estamos continuamente apavorados com os dados divulgados todos os dias sobre o número crescente de pessoas afetadas pelo coronavírus, aquelas que estão doentes e as que morreram. Temos medo da morte. Estamos fazendo tudo, em nível global, para sobreviver.

Contemplemos o Cristo que passou pela mesma experiência no jardim do Getsêmani. Teve medo da morte que o ameaçava. Ele elevou sua oração a Deus Pai: *“Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!”* (Mt 26,42). Depois disso, ele se entrega à vontade de seu Pai.

O Mistério Pascal que celebramos é a contemplação da morte de Cristo e sua ressurreição. É preciso morrer para viver: *“Se morrermos com Cristo, cremos que também viveremos com Ele”* (Rm 6,8). Temos fé suficiente para aceitar isso na profundidade do nosso ser e do que vivemos? Esta é a condição necessária para permanecermos em paz, apesar das adversidades da vida. Fazemos tudo o que podemos para evitar a morte, Deus faz o resto. Nós aceitamos a vontade dele.

Pelo menos, poderíamos deixar morrer ou abandonar certos hábitos para adquirir uma nova maneira de viver mais eficaz, mais de acordo com a vontade de Deus? Adotar uma nova maneira de fazer coisas que melhor atendam à realidade atual e às necessidades emergentes? Abrirmo-nos aos valores de nosso tempo, entre outros, à solidariedade, à vida como uma família global?

Celebrems o Mistério Pascal com fé e continuemos a viver, com esperança, a verdadeira vida do Cristo Ressuscitado!



CELEBRANDO A PÁSCOA EM TEMPO DE COVID – 19

Ir. Ken McDonald

A Páscoa é um momento para celebrar a generosidade pródiga e o amor incondicional de Deus para conosco. Para mim, esta é a mensagem do Cristo ressuscitado e que este amor e generosidade estão disponíveis para todos.

Como fazemos para dar sentido à Páscoa nestes tempos sem precedentes com isolamento forçado, distanciamento social e nosso medo de um futuro desconhecido? Vivemos com a incerteza de não sabermos quem entre nossa família e amigos adoecerá e, talvez, morra. As vidas das pessoas mudaram inalteravelmente.

Vivendo na Casa geral, neste momento sentimos o impacto da situação atual com menor intensidade do que muitas outras pessoas. Certamente, aqueles cujo isolamento significa passar o dia confinados em seus apartamentos, aqueles que estão separados da família e entes queridos e aqueles que perderam o emprego e não têm certeza do futuro sentirão essa Páscoa difícil.

A vinda da luz de Cristo sempre esteve associada à nossa experiência da Páscoa. Como continuaremos a ser pessoas que creem no Cristo ressuscitado? A maneira como nos tratamos uns aos outros e as palavras que usamos uns para com os outros serão a mensagem mais importante que podemos dar nesta Páscoa. É através de nossas ações e palavras, continuando sendo generosos e mostrando nosso amor, que a luz de Cristo continuará presente no mundo nestes tempos desafiadores.



SOLIDÃO?

Ir. Óscar Martín Vicario

Fiquei surpreso ao ler, numa recente entrevista com o Papa Francisco, que uma de suas grandes preocupações neste momento da pandemia era a solidão: “Preocupa-me a solidão”, “temos esquecido a comunhão”, “temos que resgatar a convivência”, dizia o Papa. E creio que certamente estamos diante de uma experiência profunda de solidão, ainda que com novas características.

Neste ano, a Semana Santa nos apresenta um Cristo menos exposto nas procissões ou celebrações; porém, bem eloquente naqueles que sofrem e em todos aqueles que cuidam deles com generosidade e risco. Entre eles, há também, muitos religiosos e sacerdotes.

E, ao mesmo tempo, uma dose extra de solidão: aquela que nos acompanha e a todos os seres humanos, e que, talvez, os religiosos a vivamos de uma maneira especial (Regra de Vida 14). Porém, ela está presente nos matrimônios, nas famílias, entre os anciãos. Agora, em tempos de afastamento ou isolamento, talvez a solidão nos interpele mais intensamente: sentimo-nos frágeis, fracos; sentimo-nos sozinhos.

Três cenas iluminam nossa solidão nesta Semana Santa

* Uma que dá novo sentido à quinta-feira Santa, dia do amor: convite à reconquista do valor da convivência, como dizia o Papa. Recriar a fraternidade, centro de nossa vocação, para que esta crise não nos faça mais solitários, senão, mais irmãos.

* Outra, a solidão do crucificado, dura e devastadora, até o completo abandono. Porém, trata-se de uma solidão amorosa, cheia de compaixão, que se torna um convite para que nós sejamos, hoje, mais e mais compassivos com os que sofrem neste momento.

* E a terceira, iluminada pelo sábado Santo, com a devoção tradicional à solidão de Maria e o desejo de “acompanhar Maria”, sozinha, depois de perder o seu Filho. Como podemos acompanhar os que sofrem? E os que perderam filhos, pais, amigos, por causa dessa pandemia? E, ainda, como nos sentirmos acompanhados por nossos irmãos e, ainda mais, acompanhados desde nosso interior por Jesus crucificado e ressuscitado, porém vivo em nosso coração?

Na família global marista ressoa sempre o convite a estreitar laços e corações. Em seguida, aquela espiritualidade de Champagnat, que vivia todos os acontecimentos “acompanhado” da presença de Deus.

Recordemos nesses dias a bela estrofe de São João da Cruz que, adorando Jesus, falava da “música silenciosa, da solidão sonora, da ceia que recria e apaixona”. Oxalá descubramos essa música de fundo que nos dá forças; oxalá sintamos que nossa solidão está habitada; e, oxalá, ainda, embora celebremos separados a ceia da quinta-feira Santa, ela nos recrie e apaixone. Para nós, Maristas, junto com Maria da solidão, esta também há de ser uma celebração “em torno da mesma mesa”.



TEMPO DE ESPERANÇA

Ir. Ben Consigli

Em seu livro, *Um Grito de Misericórdia*, Henri Nouwen nos lembra que a “temporada de Páscoa é um tempo de esperança. Ainda há medo, ainda há uma dolorosa consciência do pecado, mas também há *luz rompendo*. Algo novo está acontecendo, algo que vai além da mudança de humor de nossa vida. Podemos ser alegres ou tristes, otimistas ou pessimistas, tranquilos ou irritados, mas *o fluxo sólido da presença de Deus se move mais fundo do que as pequenas ondas de nossas mentes e corações*.” A pandemia de hoje nos desafia a ver Deus em meio a todo o medo, ansiedade e morte que dominaram o mundo. E ainda assim, Deus está conosco - no cuidado gentil de um vizinho, nas “pequenas virtudes” de nossos irmãos e irmãs na comunidade, no amor de nossa família e amigos, no auto-sacrifício de nossos ministros da saúde, nos trabalhadores do supermercado que fornecem a disponibilidade de alimentos, e em todos aqueles que oferecem serviço e conforto durante tanta incerteza.

A Páscoa traz a consciência de que *Deus está presente* mesmo quando Sua presença não é notada diretamente. A Páscoa traz a boa notícia de que, embora as coisas pareçam piorar no mundo, a escuridão já foi superada. A Páscoa nos permite afirmar que, embora Deus pareça muito distante às vezes e embora permaneçamos preocupados com muitas coisas e preocupações, somos lembrados de que *nosso Senhor caminha conosco na estrada e continua explicando as Escrituras para nós*”. Ele nunca está muito longe de nós. Assim, há muitos raios de esperança lançando sua luz em nossa jornada.



A Páscoa é tudo sobre esperança: Jesus venceu a morte para nos dar vida. O Papa Francisco, em suas reflexões durante uma vigília de Páscoa passada, nos pediu para “lembrar o que Deus fez e continua a fazer por mim, por nós, para lembrar o caminho que percorremos – é isso que abre nossos corações para a esperança para o futuro. Que aprendamos a lembrar de tudo o que Deus fez em nossas vidas.” Isso porque Jesus é esperança, como Francisco nos lembrou em sua primeira audiência geral: “Ele curou, confortou, entendeu — deu esperança. Ele levou tudo à presença de Deus.”

“ELE VIU, E ACREDITOU” (JO. 20,8)

Ir. João Carlos do Prado

O evangelho de São João (20,1-9) do domingo da Páscoa deste ano afirma que quando o discípulo que acompanhava Pedro entrou no túmulo de Jesus e viu o que ali havia acontecido, acreditou. Também para nós são muitos os acontecimentos que vimos e experimentamos, sobretudo nestes últimos meses, e que nos trouxeram insegurança, dúvidas e medo. Diante de tudo isso, a voz do Senhor ecoa suavemente no profundo de nossos corações dizendo “não temais!” (Mt. 10,31). Trata-se de um apelo a confiar no Senhor, a entregar-se a Ele e com Ele atravessar a noite escura que estamos vivendo para chegar à ressurreição, à vida nova.

A pandemia do covid-19 está assolando toda a humanidade e trazendo dor, medo, insegurança e sobretudo incertezas. Não sabemos ao certo quando voltar ao trabalho, à escola, à rua, à visita de família, a poder abraçar e a beijar nossos amigos e familiares com segurança. Sentimos falta de muita coisa e hoje valorizamos cada detalhe de nossa vida de maneira muito diferente. Sem escolher, entramos de forma coletiva em um processo de ressignificação de nossas vidas, história e futuro. Esta crise, para os cristãos, coincide em grande parte com o período de quaresma onde nos recolhemos ao nosso interior e aprofundamos a nossa existência a partir da palavra e vida de Jesus.

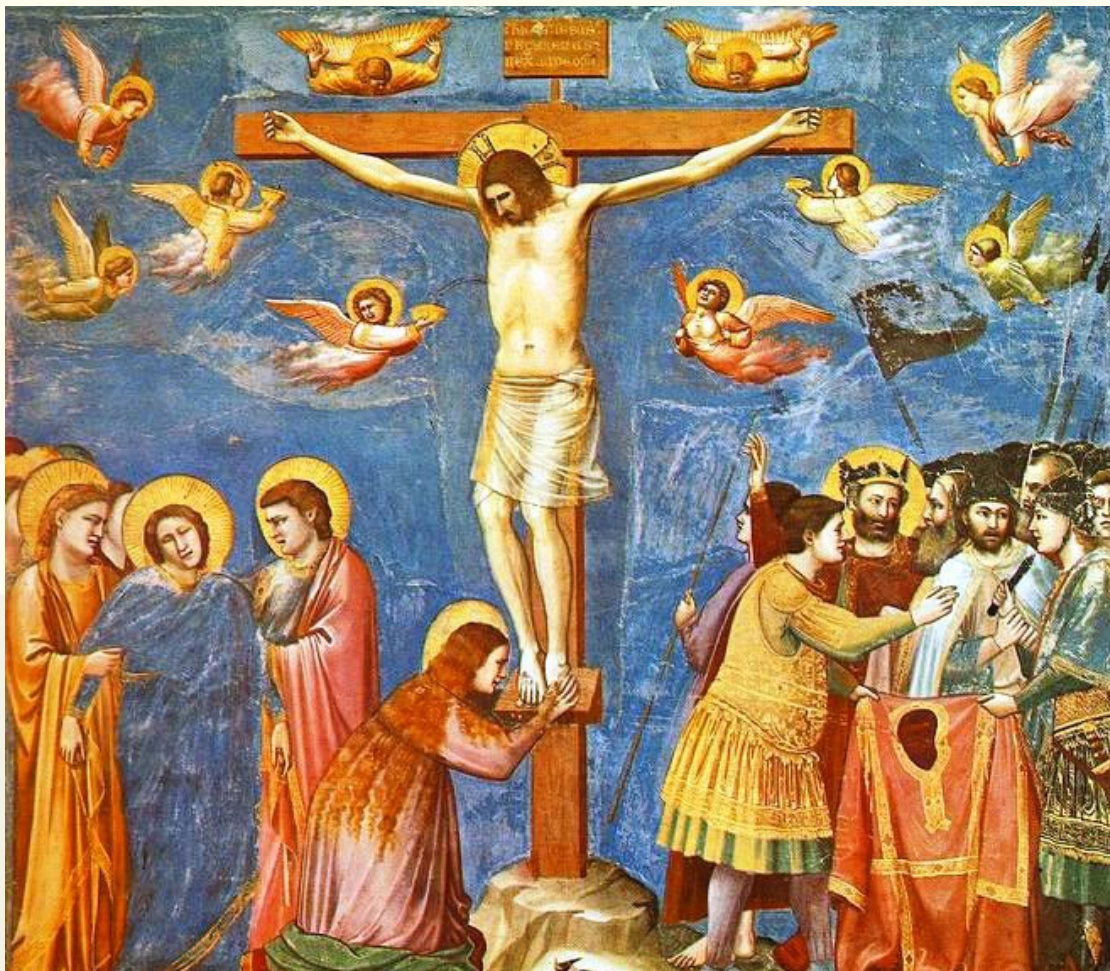


Viver este momento da história da humanidade é um convite a cada um de nós a CRER. O discípulo amado entrou no túmulo na madrugada e percebendo que Jesus já não estava mais ali, acreditou. Jesus havia ressuscitado. A noite escura havia passado. Era necessário que Jesus passasse por esta experiência para gerar vida nova e vida nova para todos. Também para cada um de nós, igual que desejar que esta experiência passe, é importante vivê-la e integrá-la em nossas vidas. Há um novo mundo, uma nova realidade uma nova normalidade que nos aguardam. Não estaremos sós.

A celebração da Páscoa quer ser para cada um de nós cristãos e não cristãos um motivo de esperança e fé para uma nova vida que o Senhor nos confia e coloca em nossas mãos. Com



Ele nasceremos nesta Páscoa para esta nova vida. Ele ressuscitou e está vivo entre nós nos dando o conforto e a coragem necessária para fazer a travessia. Maria e Marcelino nos acompanham no nascimento desta nova aurora para a humanidade. “Ele viu, e acreditou.” (Jo. 20,8). Feliz Páscoa a todos!



MARCELINO CHAMPAGNAT E A SEMANA SANTA

Jean-Baptiste Furet, Vida de Marcelino Champagnat – II,6

O mistério da Redenção era, também, um dos grandes objetos da devoção do Pe. Champagnat. Passava toda a quaresma meditando os sofrimentos do divino Salvador e, considerando o assunto mais que suficiente para ocupar os Irmãos e alimentar-lhes a piedade, não lhes propunha outro, para suas meditações, leituras espirituais e, até mesmo, para leituras no refeitório.

Com grande fervor dedicava a Semana Santa à contemplação do inefável mistério do amor imenso de Deus pelos homens. Passava-a no mais profundo recolhimento, como se fosse dias de retiro. Nos três últimos dias, os ofícios da Igreja celebravam-se integralmente, com a máxima devoção e solenidade. Durante muitos anos, na sexta-feira santa, o Pe. Champagnat jejuava a pão e água, com toda a comunidade. Nesse dia, suprimia-se o recreio, após o almoço. Silêncio profundo reinava na casa. Todos os momentos do dia eram consagrados aos ofícios, à leitura e meditação dos sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O piedoso Fundador fizera da Semana Santa um período de renovação na piedade e no fervor, para si e para seus filhos. Apreciável número de Irmãos dos estabelecimentos vinha juntar-se a ele durante esse tempo santo. Recebia-os em entrevista particulares para encorajá-los e reavivar-lhe o espírito religioso. Nos intervalos entre os atos litúrgicos fazia-lhe conferência, palestra da vida religiosa.

Resumindo, a semana, conforme sua própria denominação, era realmente santa, porquanto passava-a totalmente na oração, na santificação própria e dos Irmãos.